

O LUGAR DA DIDÁTICA E DO VÍDEO NA FORMAÇÃO DOCENTE: “A DIDÁTICA EM MOVIMENTO”

José Ramos Barbosa da Silva¹

RESUMO

A Didática começou a se configurar como ciência dedicada a compreender e a fundamentar as ações do ensino desde o século XVII. Ciência iniciada como artimanha astuciosa de ensinar tudo a todos, para quaisquer comunidades, cidades ou vilarejos, atendendo aos dois sexos, pobres ou ricos, sem excluir ninguém. Artifício difícil, pois a Didática sempre esteve anexada à formação de pessoas para viverem em sociedades estruturadas em classes sociais antagônicas, esqueletos que sofrem pressões políticas, econômicas e se deixam influenciar pelo uso de novas tecnologias, combinação que alteram as cobranças à Didática, como elemento vinculado à Educação, com demandas nem sempre compatíveis entre si. Agitação que, ao longo da história recente, gerou demandas de ensino que se configuraram em tendências pedagógicas. Em continuidade a esse movimento, a Universidade Federal da Paraíba, em 2017, através do Departamento de Metodologia da Educação reuniu professores e alunos para discutirem especificamente: “O papel da Didática e do Estágio Supervisionado nas diversas licenciaturas da UFPB”. Esta demanda deu início ao vídeo-documentário “A Didática em Movimento” (2019), objeto deste artigo que objetiva contribuir para o processo de formação de futuros professores e demonstrar que obras audiovisuais podem ser úteis a procedimentos educativos. Uma análise feita sob o método monográfico que considera representativo de outros o estudo aprofundado de um caso. Concluímos que são as perguntas que objetivam os olhares para obras audiovisuais e que a visão política que circunda os conteúdos estudados e as necessidades dos professores e educandos quem fomentam as aprendizagens.

Palavras-chave: Didática, Recursos Audiovisuais de Ensino, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

Em 2017, diante de um momento em que a Universidade Federal da Paraíba se envolvia no processo de reformulação dos projetos pedagógicos dos cursos de licenciaturas, o Departamento de Metodologia da Educação do Centro de Educação da Universidade federal da Paraíba resolveu realizar um Seminário de Educação (SEMEDUC) que discutisse “O papel da Didática e do Estágio Supervisionado nas diversas licenciaturas da UFPB”. No evento, discutiu-se sobre a formação e profissionalização docente na atualidade e a reestruturação curricular diante das atuais políticas nacionais de formação de professores. Porém, enquanto unidade responsável pela lotação de professores relacionados às Metodologias de Ensino, o DME viu-se responsável em continuar a discussão sobre o papel da didática e propôs a produção de um vídeo que desse maior expansão ao tema. Esta demanda gerou o documentário “A Didática em Movimento”, editado em 2019. Um trabalho que exigiu

¹ Professor Doutor do Departamento de Metodologia da Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba – DME/CE/UFPB, barbossa2@hotmail.com

pesquisas sobre experiências de ensino de tendências pedagógicas variadas, vivenciadas no Brasil e no exterior. Duas das questões que acompanharam a produção do documentário se destacaram: a) De que forma a Didática interfere no processo da formação docente? b) Há uma didática universal, capaz de ensinar tudo a todos? E depois, c) Como o documentário “A Didática em Movimento” pode auxiliar na discussão sobre o papel da Didática no ensino contemporâneo? Essas questões, que povoaram a produção e agora o uso do vídeo-documentário “A Didática em Movimento” (UFPB/2019) na formação docente são agora transformadas em objeto deste artigo.

Objetivamos contribuir para o processo de formação de futuros professores, sem esquecer que as teorias e práticas pedagógicas estão amparadas em situações histórico-sociais e posicionamentos político-filosóficos, e demonstrar que obras audiovisuais podem ser úteis a procedimentos educativos, desde que sejam conduzidas por perguntas adequadas que objetivem olhares à obra.

Um trabalho difícil de ser feito. Primeiro, porque o tema a Didática não é objeto fácil de ser apreendido. Segundo, porque a formação docente – sendo o docente o sujeito pelo qual a Didática se converteu em Ciência do Ensino e é elemento mediador entre ensino e aprendizagens – é ação que cobra competência técnica e posicionamentos pedagógico-políticos para que proposições metodológicas atendam aos objetivos previstos da ação educativa. Terceiro, porque documentários audiovisuais apresentam outra gramática de produção, diferentemente da mera combinação de palavras logicamente articuladas. As obras audiovisuais – que são feitas de imagens captadas por uso de enquadramentos, de ângulos, de tempo de exposição, imagens combinadas a sons, que podem ser repetitivos ou de frequências variadas e alternadas, calmos ou agitados – buscam manipular sentimentos, como emoção livre, antes de se constituir em informação.

Para cumprir os objetivos deste trabalho, fomos obrigados a nos envolver com estudos sobre a história da Didática e as interferências sociais, econômicas e políticas que levaram a variações de propósitos e modos da condução de ensinamentos planejados nas escolas ou em outras instituições, nas igrejas, por exemplo. Entre os estudiosos consultados, valeu-nos muito a leitura de Monroe (1988) quando, sem pressa, nos informa que a educação é encontrada em toda e qualquer sociedade, mas a escola é fruto de sociedades complexas e é uma das instituições que cuida do ajustamento de pessoas a ambientes físicos e da vida social como um todo. Também fomos impelidos a nos instruir sobre produções de produtos audiovisuais, com atenção ao documentário e seus usos a propósitos educativos. De Nichols (2016), aprendemos que documentários não é uma reprodução da realidade, são vozes, a voz de quem

fala do seu próprio ponto de vista, como uma representação do mundo. “É uma maneira direta de ver o mundo histórico” (NICHOLS, 2016, p. 86). Assim, o documentário pode ser utilizado em ações educativas tal qual qualquer texto e o seu uso cobra consciências acerca de quem os produziu e movido com quais intenções. O documentário, como mediação informativa, de modo geral, visa difundir ideias sob uma ou combinações de lógicas que orientam opiniões ou posicionamentos humanos diante de situações que repercutem socialmente em uma ou em várias comunidades.

Por fim, ainda no caminho de perceber o papel da didática para a formação docente, Tardif (2002), tratando desta questão, alega que o saber dos professores é profundamente social e ao mesmo tempo individual, circunstância que reúne saberes universitários com experiências particulares, fruto de aprendizagens trazidas pela realidade cotidiana com a docência. Saberes que vão além das visões europeias tecnicistas e dos saberes psicológicos anglo-americana, saberes dominado de tensões, de contradições, que se fazem presentes tanto no campo da escola quanto no da sociedade.

METODOLOGIA

Tanto a produção de vídeos quanto a de artigos seguem procedimentos coerentes e sistemáticos. Diante disso, atentos aos propósitos deste trabalho escrito, buscamos racionalizar perguntas que norteasse consultas bibliográficas e a observações de práticas concretas. Seguimos as recomendações do método monográfico, que “parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes” (GIL, 1999, p. 35). Considerando que a análise aqui apresentada relaciona-se com práticas sociais de ensino que tem a Didática na cena principal, optamos por examinar os percursos históricos que transformaram a Didática como campo de estudo específico, bem como observar os acontecimentos sociais e políticos que influenciam e temperam a maneira de como se processa o ensino. Interessamo-nos também de conferir resultados de várias combinações teóricas de ensino, expressos no que hoje se chama de tendência pedagógica de ensino. Notamos algumas práticas docentes, relacionando-as às teorias que regulam as práticas pedagógicas. E, para domínios sobre o uso do vídeo em situações de ensino, concordamos com a expressão que diz: “As linguagens da escola não podem se esgotar no oral e no escrito. É preciso abrir o leque que a palavra ‘linguagem’ encerra” (PORTO, 1998, p. 24). Buscamos ainda auxílios em Ferrés (1996) que discute critérios para usos de materiais audiovisuais em situações de ensino-aprendizagem e,

nesta mesma obra, didaticamente sistematiza o uso do vídeo por professores. Compreendemos que “A vantagem do método consiste em respeitar a “totalidade solidária” dos grupos, ao estudar, em primeiro lugar, a vida do grupo na sua unidade concreta, evitando, portanto, a prematura dissociação de seus elementos” (MARCONI & LAKATOS, 2010, p. 90). Assim, interdisciplinarmente, seguimos por áreas distintas de investigação, mas reunidas por nós para os objetivos anunciados neste estudo.

DESENVOLVIMENTO

A Didática é a ciência que estuda, planeja, seleciona métodos, conteúdos e elementos de suporte na intenção de atender objetivos de ensino em sua relação imediata com realidades sociais. Ao longo de sua tradição, nunca gozou de calmaria. Quando iniciada, no século XVII, por Comenius (1592-1670), precisou enfrentar as opiniões em contrário e provar que a escola existente à época era velha, cômoda e decadente e que era necessário à edificação de uma nova escola capaz de “[...] ensinar tudo a todos: de ensinar de modo certo, para obter resultados; de ensinar de modo fácil, portanto sem que docentes e discentes se molestem ou enfadem (...); de ensinar de modo sólido, não superficialmente” (COMENIUS, 2002, p.13). Uma batalha travada numa Europa extremamente religiosa, disposta a romper radicalmente com a Escolástica, modelo de escola católica, voltada para a elite e dedicada a estudos abstratos. A Didática Magna, proposta por Comenius, rompia com a escola medieval e conectava-se ao mundo moderno que estava sendo gestado. Propunha um ensino influenciado pela filosofia de Francis Bacon (1561-1626) que adotava o método empírico de explorar o mundo e pelo protestantismo, movimento responsável pela criação de escolas para as massas.

Comenius buscava uma maneira eficaz de ensinar tudo a todos, por uma filosofia de ensino imutável. Sua proposição interligava-se ao ensino expositivo, de uma pessoa que sabe (o adulto) a uma que ainda não sabe (a criança ou o jovem), amparada por recursos visuais ou audiovisuais. Segundo ele “(...) o que deve ser aprendido não só deve ser contado para que impressione os ouvidos, mas também pintado, para que através dos olhos se imprima na imaginação” (COMENIUS, 2002, p. 179). O professor seria um profissional, e não um missionário, a base do ensino vinculava-se às descobertas da Ciência.

Apesar do esforço engenhoso de Comenius, desde o início, a vinculação da Didática Magna ao Cristianismo causou estranheza aos turcos, hebreus e pagãos. E, ao longo do século XVIII, a ideologia do progresso difunde-se para todas as camadas da sociedade, a economia de mercado começa a substituir a antiga organização proveniente do feudalismo, a razão se

mostra como realidade positiva e a idade da infância começou a ser valorizada (GAUTHIER, 2010). Em meio a isso, uma nova forma de condução do ensino foi pensada e proposta, oferecendo à criança mais liberdade e autodeterminação. Para essa postura educacional foi de grande valia a contribuição de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que, segundo Martineau (2010), defendia a desigualdade das pessoas provocada por duas características, uma pelas características individuais de cada ser humano e a outra pelas circunstâncias sociais. Rousseau enfatizava que a institucionalização da propriedade privada era o pilar do funcionamento econômico das sociedades urbanas. Para ele o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Para Rousseau, “Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem” (ROUSSEAU, 1999, p.4). A partir de sua obra “instala-se um discurso que não situa mais o adulto, porém a criança, no centro da educação” (MARTINEAU, 2010, p.151).

É ainda no século XVIII, a partir dos anos 1750, que se vive o auge do Romantismo, à tentativa dos “Iguais”, de intensas paixões, vividas ou sonhadas. E é nessa atmosfera que, segundo Konder (2003), florescem as utopias socialistas. Utopia significando o “lugar inexistente”, o “não lugar”, termo utilizado por Thomas Morus (1478-1535) no começo do século XVI. É em meio ao Romantismo que florescem as grandes cidades e suas indústrias. Realidade que se prolifera ao longo do século XIX, na qual o trabalhador assume o perfil de explorado, de homens e mulheres sem dias nem noites, porque dormiam e acordavam apenas para o trabalho. A família sobrevivia, mas sem que houvesse tempo dedicado a si. As crianças passaram a conhecer pouco o pai ou a mãe que passavam o dia trabalhando. Uma desestruturação das famílias proletárias, uma contradição para um mundo onde as leis começaram a dar igualdade para todos e onde as crianças, pouco a pouco, passaram a serem os sujeitos principais da escola.

Foi em meio a esse mundo, constituído de problemas sociais, que os mestres viram-se desafiados a transformar a pedagogia em uma preocupação particular, no intuito de educar crianças, jovens e adultos em ambientes escolares ou afins. E é nessa época, segundo Gauthier (2010), que se percebe a estreita vinculação entre a educação, a evolução política e econômica. Com essa atmosfera, inicia-se, no século XX, época em que uma série de tentativas pedagógicas começou a ser exercitadas: “algumas tem uma tendência um tanto mística ou são mais científicas, outras são centradas sobre os problemas de poder e de cooperação ou tem uma orientação experimental, etc.” (GAUTHIER, 2010, p. 191). Para cada proposição pedagógica havia nos bastidores, de modo assumido ou não, situações sociais e

políticas conflitivas que davam razões para as justificativas filosóficas, com repercussões na estruturação da escola, no tempo das aulas, na seleção de métodos e de conteúdos. Proposições de conteúdos e de metodológicas que se diversificaram ao longo dos séculos XX e XXI, dentre elas, firmaram-se a pedagogia tradicional, a pedagogia nova, a pedagogia libertária, a pedagogia libertadora, a pedagogia tecnicista, entre outras, cada uma com razões que lhes dão sentido.

Para Mizukami (1986), que chama essas tendências pedagógicas de abordagens de ensino, há diferenças marcantes entre elas. Ela as classifica de tradicional, humanista, cognitivista, comportamentalista e a sociocultural de ensino. Seu estudo indica para cada abordagem as características gerais, a visão de homem, de mundo, de sociedade-cultura, do conhecimento, da educação, da escola, do ensino-aprendizagem, do professor-aluno, da metodologia e da avaliação. Classificação nem sempre seguida por outros autores, que as nomeiam por outros nomes, porém com acordos em relação às características mais marcantes. Libâneo (1992) separa essas abordagens de ensino como tendências pedagógicas, divididas em duas vertentes políticas: a Pedagogia Liberal, empenhada em manter o status-quo de acordo com os valores vigentes nas sociedades de classe. E nessa enquadra o ensino tradicional, o renovado progressivista (cognitivista), o renovado não-diretivo (humanista), e o tecnicista (comportamentalista). Nesta classificação, participam os ideais de Maria Montessori (1870-1952), Ovide Decroly (1871-1932), Jean Piaget (1896-1980) e Carl Rogers (1902-1987). Em outra direção está a Pedagogia Progressista, que têm em comum o antiautoritarismo e com práticas sociais junto ao povo e exercitam saberes criticamente reelaborado, da qual fazem parte as tendências pedagógicas de ensino libertadoras (sociocultural), a libertária e a crítico-social de conteúdos. Destas participam as contribuições de Paulo Freire (1921-1997), Célestin Freinet (1896-1966), Dermeval Saviani, dentre outros.

Em todas as situações de ensino escolar o planejamento está presente. Ele é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termos de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, e pede revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento escolar é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, que articula a atividade escolar e a problemática do contexto social. É preciso se ter clareza que tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar são cheios de implicações sociais que trazem um significado genuinamente político. Significado que atravessa as escolhas metodológicas, de modo consciente ou não pelos docentes que as adotam.

No Brasil, apesar de discursos em favor de ensinamentos que promovam aprendizagens ativas, e apesar de aulas onde alunos fazem perguntas, a tradição do ensino ainda é baseada em aulas expositivas, realizadas por um professor que sequer segue os cinco passos enumerados por Johann Friedrich Herbart (1776-1841): preparação, apresentação, associação, generalização e aplicação. Também é difícil encontrar escolas que façam da pesquisa a base do seu ensino, que transformem o aluno em estudante de temas ou itens apresentados por um projeto ou problema que necessite soluções. Isso dito de outra maneira, a escola nova nunca se afirmou como tendência pedagógica seguida no Brasil. E mais, nas escolas pouco se vê o enfrentamento de problemas sociais populares como objeto de estudo. A práxis, compreendida como ação e reflexão dos homens sobre problemas sociais do mundo com objetivos de transformação das pessoas e do mundo, como é descrita por Mizukami (1986) a abordagem de ensino sociocultural, não faz parte da memória escolar brasileira. Ou, indo-se direto ao ponto, a pedagogia libertadora, tida como freireana, nunca foi vivenciada como tendência pedagógica das escolas convencionais do Brasil. Há sim, mesmo negada, a tradição de aulas tecnicistas de ensino – presentes em cursos de idiomas, de música, de enfermagem, tanto em aulas presenciais como no ensino a distância. Ou, qualquer outra vertente de ensino que se intitula com a vertente da tendência de ensino da moda. Constatações que fizemos ao observar aulas em escolas municipais, estaduais e mesmo em Universidades, auxiliados por universitários estagiários que relatam suas experiências semanais. As escolas particulares, preocupadas em treinar alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), privilegiam a abordagem tradicional aligeirada, feita com dois passos didáticos: a apresentação (expor assuntos) e aplicação (exercícios de fixação) ou, ainda, sobrevivem sob a abordagem tecnicista de ensino.

Como transformar essas experiências locais em exemplos que possam ser reproduzidos por quem está se formando professor? Nas entrevistas coletadas para a feitura do vídeo-documentário “A Didática em Movimento” era comum o depoimento de professores que acusavam a aula tradicional, compreendida como expositiva, como ruim e prejudicial. Em compensação, o nome de Paulo Freire foi muito citado e a escola nova estruturada em ensinamentos que cobram aprendizagens ativas era tida como a ideal. Porém, na busca de exemplos práticos, compatíveis aos discursos dos professores entrevistados, havia distância entre o dito e o feito. As aulas registradas eram verbalistas e expositivas, algumas enfeitadas por projeções de slides. Em nossa pressa, para cumprir os prazos da feitura do vídeo, optamos por buscar exemplos em outros espaços, alguns fora de nossa cidade, de nosso Estado, do Brasil.

Seguimos sabendo que há, na cidade de João Pessoa (PB), escolas que seguem pedagogias ativas de ensino, bem ao nosso redor, mas essas são exceções e ainda pouco conhecidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No intuito de produzir o vídeo-documentário “A Didática em Movimento”, de modo que esse suscitasse debates entre professores e futuros professores acerca do papel que a didática assume nas práticas docentes, reuniões e debates acadêmicos que tinham em foco a Didática foram filmados, na Paraíba, em Pernambuco, no Rio de Janeiro. Várias pessoas foram entrevistadas. Muitas experiências de aulas foram registradas. Enquanto as filmagens ainda estavam sendo feitas, vários roteiros e textos de suporte foram produzidos. Um dos textos dizia: “Nascemos com um destino, aprender. Aprendemos e ensinamos a vida inteira. A aprendizagem tem caminhos próprios (...). E o ensino é ação intencional (...)” (SILVA, 2018). Porém, este texto foi abortado. Era muito diretivo. Ao final, optamos por fazer “uma colcha de retalhos”, reunindo experiências de diversas abordagens de ensino, para diversas modalidades de educação e níveis de ensino, em situações escolares ou não, no Brasil, no Canadá, na Itália e em Guatemala. Sem que nenhum texto em “*off*” fosse utilizado. Fizemos um vídeo-documentário interrompido, para que outras formas de manifestação da Didática não contidas no vídeo apareçam. Decidimos que o importante não era a exibição do vídeo, mas o trabalho docente do lugar no qual o vídeo estivesse sendo projetado. Docência que deveria ser pensada e repensada, tendo o vídeo apenas como aperitivo para uma fértil conversa que, a depender dos rumos tomados, rumasse aos novos planejamentos da docência.

Em termos ilustrativos, o vídeo “A Didática em Movimento”, de certa maneira, se inicia com depoimentos de pessoas falando da escola e das memórias trazidas sobre esse tempo de vida. Depois insinua que há aprendizagens adquiridas fora da escola e que a escola aperfeiçoa determinados conhecimentos. As experiências registradas avisam que não há uma didática universal, ela é diversa e pode ensinar diferentes coisas, até mesmo pela maneira de como a metodologia de ensino acontece. Questões que foram sutilmente diluídas no documentário e que só farão sentido se houver por parte de quem projeta o vídeo e conduz a situação de ensino alguma intensão explícita de perceber esses detalhes e de fazer perguntas que ampliem noções sobre a Didática e o papel dela em situações de ensino.

Ainda como estética e duração do vídeo-documentário, ficou a certeza de que o vídeo a ser feito não poderia ser sistematizado como vídeo-lição, tampouco como vídeo-apoio, nem como vídeo-processo, também não seria um vídeo interativo ou obra aberta, assumimos de

fazê-lo como vídeo-motivador, seguindo a classificação apresentada por Ferrés (1996). Começamos o vídeo de modo calmo, com cara de despreendimento, que pode ser confundido com ingenuidade, fizemos um vídeo amador, sem microfones direcionais, com imagens coletadas apenas por uma máquina fotográfica, sem cuidados cenográficos. Um vídeo que foi acontecendo, desplicente, mas nele há uma sofisticação que pode ser percebida por animadores de debates que tenham claros seus objetivos na utilização da obra. Um vídeo que já está sendo usado, tratado como instrumento motivador, cumprindo funções diversas no caminho da formação docente. Um vídeo feito não contentado em si, nem voltado ao passado, mas um vídeo ansioso pelo futuro, que não dá conta de tudo e quer a Didática em movimento ou, apenas um vídeo motivador. Citamos apenas dois exemplos de sua exibição, porém feita para gerar outras conversas. Na primeira, antes de qualquer visualização, havia a seguinte pergunta: Do que trata o vídeo? Quais abordagens de ensino nele aparecem? Quais meios de apoio ao ensino aparecem nessas abordagens? A conversa gerou discussões que apontaram que os recursos didáticos estão presentes em quaisquer tendências pedagógicas, até o próprio corpo pode ser um recurso de ensino. E a outra, foi dirigida sob as seguintes questões: Por que a didática é uma ciência em movimento? Quais elementos são evidenciados no filme sobre essa questão? Como anda a sua didática de trabalho?

Para as decisões do como transformar o vídeo em material didático de trabalho, muito nos auxiliou as leituras de Freire (1983), sobretudo quando ele indica na obra “Educação como prática da liberdade” a maiêutica socrática como o exercício livre de consciências e oferece um modelo de execução prática do uso de materiais visuais para a formação dialogada de consciências. Um exercício de educação escolar que não abandona os presentes e considera sua realidade e momento histórico. Também, observando a história e seus desafios conjunturais, já em tempos de tribalismo, com a ascensão do protestantismo de tendência conservadora e de Direita no Brasil e com o descontentamento dos mulsumanos e a ascensão do fundamentalismo islâmico no mundo, perante a crise de valores políticos universais, buscamos conhecer mais sobre o papel da mídia digital e a sua capacidade de formação de identidades em sociedades contemporâneas e tomamos conselhos de White (2014). Dele aprendemos que as mídias digitais agem na nossa maneira de interagir com a sociedade. Ela modifica nossa maneira de viver, de trabalhar, de comunicação e de lazer. Também desafia os modelos teóricos do século XX e não é, nem de longe, uma mera ferramenta tecnológica ou instrumental. Ela é o sangue de uma sociedade em rede, amparada e transformada pela economia, pela política e práticas sociais de uma sociedade digital global, de indústrias criativas e de ameaça à segurança do emprego.

Apesar disso, sem sofrimentos adiantados, por ser nosso vídeo-documentário destinado a professores, presumimos que ele deveria ser de ternura e respeito. Ele já nasce de uma discussão entre docentes, logo não ficaria bem um vídeo de conselhos, mas motivador de conversas. Um vídeo ponto de partida, aperitivo para se pensar ações de ensino-aprendizagem em processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno educativo na escola é por natureza multidimensional. A competência do professor passou a ser regida pela gestão da classe e da matéria. Os suportes didáticos, as metodologias, os conteúdos, as formas de avaliação, subordinados a objetivos, foram pensados para profissionalizar o ensino escolar. As leis regulam a duração dos cursos e acomodam a matéria a ser estudada em cada ano letivo. Mas a larga articulação da escola com exigências do mundo financeiro e burguês – regida por um aparelho estatal que dita os exercícios a serem cumpridos num certo período de tempo social – é pressionada a se reinventar perante a invenção de novas tecnologias, das novas organizações políticas, do planejamento de um capital financeiro e monopolista, da proveniência de modelos pedagógicos que se mostram mais eficientes para determinados fins. Tudo isso afeta o trabalho dos docentes e a formação a eles dada para o exercício da profissão. A Didática, como matéria subordinada a essas demandas, vê-se impelida a planejar ensinos e a fomentar os professores das razões pelas quais um procedimento didático deve ser tomado ao invés de outro. Uma matéria em ebulição, que ferve ao sabor das lutas políticas e econômicas de uma determinada época histórica. Foi assim desde que foi inventada e permanece ainda com esse aspecto, por isso está sempre em movimento. Ainda assim, a Didática é necessária aos professores que deverão saber as razões pelas quais escolhem determinados caminhos pedagógicos para atividades educativas. Em todo caso, nossos estudos avisam que, na conjuntura do mundo de hoje, não é possível se ensinar tudo a todos. Ninguém sabe tudo. Carência que nos move a novos estudos, educandos e educadores, movidos pelo desejo de se saber mais. Nesse cenário, os recursos didáticos, mesmo os audiovisuais, tomam apenas parte no processo da educação que ultrapassa os muros da escola. Recursos didáticos que se fazem apropriados a depender das questões levantadas por quem conduz processos educativos.

REFERÊNCIAS

COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra, 1983.

GAUTHIER, Clermont. “Da pedagogia tradicional à pedagogia nova”. In: GAUTHIER, Clermont & TARDIF, Maurice. *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo (SP): Atlas, 1999.

KONDER, Leandro. **História das ideias socialistas no Brasil**. São Paulo (SP): Expressão Popular, 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo (SP): Cortez, 1992.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo (SP): Atlas, 2010.

MARTINEAU, Stéphane. “Jean-Jaques Rousseau – o copérnico da pedagogia”. In: GAUTHIER, Clermont & TARDIF, Maurice. *A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo (SP): EPU, 1986.

MONROE, Paul. **História da educação**. São Paulo (SP): Editora Nacional, 1988.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas (SP): Papyrus, 2016.

PORTO, Tania M. Esperon. “Educação para a mídia/pedagogia da comunicação”. In: PENTEADO, Heloísa Dupas (org.) **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. São Paulo (SP): Cortez, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 1999.

SILVA, José R. Barbosa. “**A Didática em Movimento**”. Vídeo-documentário. 40 min. João Pessoa (PB): UFPB, 2019. In:

<https://www.youtube.com/watch?v=1laNGcLcYxY&feature=youtu.be>

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

WHITE, Andrew. **Mídia digital e sociedade**: transformando economia, política e práticas sociais. São Paulo (SP): Saraiva, 2016.